



FEMINISMO NEGRO NA PARAÍBA: UM HISTÓRICO DAS CELEBRAÇÃO DO 25 DE JULHO – DIA DAS MULHERES NEGRAS NA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (1999-2014)

*Rayssa Andrade Carvalho**
*Solange Pereira da Rocha***

RESUMO

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a análise das celebrações do 25 de julho, data na qual se comemora o **Dia das Mulheres Negras na América Latina e do Caribe**, destacando as ações políticas da Bamidelê-OMN/PB, uma organização de feministas negras da Paraíba, que realizou quinze eventos, entre os anos de 1999 a 2014, destacando a aludida data política, com o propósito de se visibilizar as demandas sociais das mulheres negras, o empoderamento desse sujeito político e suas lutas (antirracista, antissexista e anticlassista) por mudanças sociais, em conjuntura de preparação da Marcha das Mulheres Negras Brasileiras, em 2015. Para tanto, utilizamos como aporte teórico de nosso trabalho a perspectiva da História Social da Cultura, desse modo, nos utilizamos das reflexões de Thompson (2001). Ainda, nos embasamos nos estudos de Scott (1990), Soihet (1997), Silva (2014), Hall (2008), que discutem os conceitos de gênero, raça e classe. São fundamentais os estudos de pesquisadoras e pesquisadores, como, Roland (2000), Carneiro (2003), Ribeiro (2004), Moreira (2011), Domingues (2009), Santos (2009) e Silva (2014), que abordam a ação políticas de mulheres negras no Brasil contemporâneo. Assim, primeiro, evidenciamos o Movimento de Mulheres Negras brasileiras, com enfoque na atuação da mencionada organização; em seguida, analisaremos o 25 de julho, procurando mostrar e analisar a recepção por parte da sociedade acerca das celebrações do 25 de julho na Paraíba e a repercussão local e nacional.

Palavras-chave: Feminismo Negro. 25 de julho. Paraíba

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo apresentar um histórico das celebrações do Dia das Mulheres Negras na América Latina e do Caribe (25 de julho) pela Bamidelê, uma organização de mulheres negras paraibanas. Pois, analisamos que a comemoração da referida data se constitui como uma importante ação política da organização, na Paraíba.

* Mestranda em História na Universidade Federal da Paraíba (PPGH/UFPB). E-mail: carvalho_rayssa@yahoo.com.br.

** Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora vinculada ao Departamento e ao Programa de Pós-graduação em História, e ao NEABI-Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas, todos na UFPB. E-mail: banto20ufpb@gmail.com



Para tanto, nos aportamos teoricamente na história social, pois as renovações trazidas por tal perspectiva para o conhecimento histórico possibilitaram a inserção de outros segmentos sociais que antes não apareciam nas narrativas históricas. Todavia, essa incorporação também ocorreu a partir da atuação desses grupos na sociedade, pois, é incontestável, entre os intelectuais que tratam dos movimentos sociais, a influência direta destes nas mudanças ocorridas na historiografia contemporânea.

1. Atuação Política das Mulheres Negras: Movimento de Mulheres Negras e Feminismo Negro no Brasil¹

Na década de 1960, o Movimento Feminista começa a surgir ou ressurgir² em grupos de mulheres na Europa, nos Estados Unidos e, na década de 1970, na América Latina, organizaram-se para lutar contra o machismo e o sexismo que as colocava em condições inferiores aos homens, na sociedade. Neste sentido, intelectuais feministas, nos diferentes países, passaram a discutir de que forma a opressão e a subordinação feminina foram construídas, em diferentes sociedades e épocas, ou seja, a construção da dominação masculina.

Contudo, no final dos anos 1970, a identidade feminina comum construída politicamente pelas feministas começou a ser questionada e à questão das diferenças foi introduzida nas análises, no campo historiográfico e no movimento político. Nesse sentido, Rachel Soihet e Eni de Mesquita Samara ressaltam que houve

A fragmentação de uma ideia universal de “mulheres” por classe, raça, etnia e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (1997, p. 57).

¹ Este tópico tem como referência o Trabalho de Conclusão de Curso “**O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NA PARAÍBA: Um olhar sobre a Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba (2001-2012)**”, desenvolvido por Rayssa Andrade para obtenção do título de Graduada em História pela UFPB, sob a orientação da professora Solange Rocha.

² Cf. PINTO (2003). PISCITELLI (2002).



Essa fragmentação da identidade feminina nos vários aspectos (classe, raça, etnia, etc.), como menciona a autora, estava relacionada às diferenças políticas dentro do Movimento Feminista, contudo, acaba também por contribuir para o questionamento dos pressupostos de correntes historiográficas que utilizavam a figura de um ser humano universal nos seus estudos.

Assim, no fim da década de 1970, se inicia, através de feministas negras estadunidenses, como a afro-americana Patricia Hill Collins, a elaboração de novas perspectivas feministas, introduzindo a questão da diferença na teoria feminista. Pois, com a afirmação de uma identidade feminina homogênea pelo Movimento Feminista, não se conseguia identificar e visibilizar demandas específicas de mulheres que sofriam com a intersecção de diversas condições como, gênero, raça, classe, etnia, orientação sexual, etc. Nesse sentido, Collins identificou uma longa tradição feminista entre as mulheres negras, segundo a autora, estas mulheres manifestaram uma consciência acerca da intersecção entre as categoriais de raça, de classe e de gênero (COLLINS *apud* BAIROS, 1995).

O Feminismo Negro ressoou no Brasil, em fins da década de 1970, por meio de feministas negras como Lélia Gonzalez³ (1935-1994), que iniciou as discussões sobre a mulher negra nas questões referentes ao mercado de trabalho, a educação e a saúde (VIANA, 2011, p. 272), e a filósofa Sueli Carneiro, que cunha a expressão “enegrecendo o feminismo” para discutir a emergência de um novo movimento, que surge para visibilizar as condições das mulheres negras na sociedade brasileira.

Os estudos que começaram a ser produzidos por intelectuais negras brasileiras, com a conceituação do Feminismo Negro, visibilizaram as condições

³ Lélia Gonzalez nasceu em Minas Gerais, em 1935. Graduiu-se em história e filosofia, posteriormente, concluiu o mestrado em comunicação social e o doutorado em antropologia política /social, em São Paulo (SP). Nesse sentido, sua atuação acadêmica se centrou nas pesquisas sobre as temáticas de gênero e raça. Foi professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) em que lecionava a disciplina de Cultura Brasileira. Seu último cargo na instituição foi de chefe do departamento de Sociologia e Política. Lélia Gonzalez se destacou como importante feminista negra, sendo militante do Movimento Negro Unificado (MNU), do qual foi uma das fundadoras. Cf. <http://www.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/lelia-gonzales/12867-hoje-na-historia-1935-nascia-lelia-gonzalez>. Acesso em: 24 ago. 2013.



especificidades das discriminações e das desigualdades que afetam as mulheres negras na sociedade brasileira (CARNEIRO, 2002, p. 180).

Destarte, constituiu-se o Movimento de Mulheres Negras no Brasil, na década de 1980, que centrou seus debates e ações em grupos de mulheres negras formados em todo o território nacional, nas últimas três décadas. Esse movimento social foi formado num contexto de relações de poder entre as mulheres negras e os movimentos negro e feminista, pois ambos afirmavam que as questões relativas às mulheres negras deveriam estar dentro de suas agendas políticas, entretanto, colocavam as demandas desses sujeitos como secundárias. Assim, essas mulheres buscaram sua autonomia e construíram um novo sujeito político no cenário público brasileiro. Esse processo de constituição do Movimento de Mulheres Negras se desenvolveu na década de 1980, com destaque para alguns marcos políticos, como o *III Encontro Feminista Latino-americano*, realizado em Bertioga (SP), em 1985.

2. O Feminismo Negro na Paraíba: A atuação da Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba

A Bamidelê – OMN/PB, fundada em 2001, constituiu-se como uma organização não governamental (ONG). Sua ata de fundação⁴, de 3 de março de 2001, asseverava que se trata de

Uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que tem como objetivo empreender ações e debates que fortaleçam a identidade e autoestima de mulheres afro-brasileiras, em especial das paraibanas, visando contribuir para a eliminação do racismo, do sexismo e superação das desigualdades raciais.

Dessa forma, a organização de feministas negras na Paraíba atua, há mais de uma década, com o objetivo de empoderar mulheres e jovens negras paraibanas, para que estas ajam, de forma autônoma, na efetivação dos seus direitos, principalmente, os direitos fundamentais que são negligenciados, pelo poder público,

⁴ Entre as mulheres presentes na Assembleia geral que assinaram a ata de fundação estavam: Solange Pereira da Rocha, Euphrasia Joseph Nyaki, Tânia Maria Correia, Maria José Rodrigues, Maria José dos Santos e Elza Ursulino de Nascimento.



a esses sujeitos. Portanto, a organização trabalhou sob a perspectiva de capacitar, formar e informar mulheres e jovens negras sobre “questões relativas à saúde e direitos reprodutivos, identidade étnico-racial, autoestima e direitos humanos, temas fundamentais para a luta contra o racismo e o sexismo” (Relatório, BAMIDELÊ-OMN/PB, 2003, p. 2).

Entretanto, antes da formalização da Bamidelê, em 2001, havia um Grupo de Mulheres Negras na Paraíba, formado desde 1998, de cujas reuniões, que eram realizadas no Mosteiro São Bento, participava cerca de 15 mulheres. Em uma das publicações do Cunhã – Coletivo Feminista⁵ (2001), o referido Grupo de Mulheres Negras é citado entre os que existem na Paraíba, e ressalta-se que foi criado em 1998, por algumas mulheres que participavam dos Agentes da Pastoral Negros – APNs⁶, pois perceberam a necessidade de desenvolver um trabalho específico com mulheres negras no estado. Passados alguns anos, três dessas mulheres que iniciaram o trabalho grupal decidiram institucionalizá-lo, com a fundação, em 2001, da Bamidelê – Grupo de Mulheres Negras da Paraíba. Assim, foi firmada uma organização com identidade própria, com o principal objetivo de desenvolver trabalhos com mulheres negras, na zona rural e na urbana, com o intuito de conscientizá-las sobre a discriminação racial e trabalhar com jovens negras, através de artes, visando trazer os valores da cultura e criar um trabalho de educação com crianças e adolescentes.

Portanto, a Bamidelê surge com a finalidade de dar visibilidade às demandas específicas das mulheres negras, na Paraíba, e garantir a participação delas na vida política do estado.

3. As Celebrações do Dia das Mulheres Negras da América Latina e do Caribe: Um Histórico do 25 de Julho na Paraíba (1999-2013)

⁵ Grupos de Mulheres da Paraíba: retalhos de uma história (2001).

⁶ Agentes de Pastoral Negros (APNs) são grupos de conscientização, organização e valorização da cultura de mulheres e homens negros, que atuam em comunidades cristãs, e que agem na luta contra o racismo e a discriminação racial. Entre os seus objetivos, está reconhecimento e afirmação da história e dos valores culturais e religiosos do povo negro, com o intuito de construir uma identidade positiva e desenvolver ações políticas efetivas para incluir a população negra na sociedade.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



No ano de **2003**, foi organizado o *Encontro entre mulheres: pluralizando a luta*, em parceria com a Rede de Articulação na Paraíba. No ano seguinte, **2004**, o Dia das Mulheres Negras foi comemorado com o *Seminário: O poder de poder*, no Ginásio Poliesportivo da Caixa Beneficente da Polícia Militar, com presenças de mulheres quilombolas e indígenas.

Imagem 1: 25 de julho – VI Comemoração na Paraíba



Fonte: Acervo da Bamidelê-OMN/PB.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Imagem 2: 25 de julho – VI Comemoração na Paraíba (2004).



Fonte: Acervo da Bamidelê-OMN/PB.

Em **2005**, *Mobilização no Parque Sólon de Lucena*, com show do Grupo Cultural Pérola Negra, apresentação de trabalhos artesanais do Grupo de Adolescentes Danda-Ê, com apoio da PMJP/CPPM-Coordendoria de Políticas Públicas para as Mulheres.

Imagem 3: 25 de julho – VII Comemoração na Paraíba (2005).



Fonte: Acervo da Bamidelê-OMN/PB.

Entre o período de 2006 a 2010, não encontramos registros de todos os anos em nossas fontes, a saber, relatórios da organização e notícias jornalísticas. Contudo, em **2008**, foi realizada uma série de atividades marcando a décima Comemoração do Dia da Mulher Negra da América Latina e do Caribe, realizadas no auditório do CCEN-UFPB, no dia 23 de julho, onde aconteceu a *roda de diálogo Mulher Negra: Racismo e Educação*. A atividade foi aberta com a exibição do filme sobre a campanha "Onde você guarda o seu racismo". Ao final do debate, as militantes feministas paraibanas fizeram panfletagem em Defesa das cotas "raciais" no ensino superior – Campus I da UFPB. Ademais, no dia 25 foi realizado o *Seminário Políticas Públicas X Racismo: enegrecendo as páginas da nossa História*, o qual contou com a participação de representantes da Rede de Mulheres em Articulação da Paraíba/ Articulação das Mulheres Brasileiras, do Movimento Negro estadual, da Organização de Mulheres Negras de Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande/PB). A atividade foi realizada em parceria com Articulação de Mulheres Negras Brasileiras – AMNB, Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB, Rede de

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Mulheres em Articulação da Paraíba - REDEMA/PB, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Instituto de Referência Étnica – IRÊ.

Destarte, o ano de **2011** marcou os dez anos da Bamidelê, nesse sentido, no mês de julho também se comemorou esse marco de fundação. Assim, foi realizada a Exposição: *Visões Negras – simbologias, histórias e trajetórias*, que ficou exposta por três dias (27 a 29 de julho de 2011) no Casarão 34 (Órgão Governamental). Por meio de símbolos, imagens e materiais produzidos durante oficinas, a exposição contou a história de 10 anos de atuação política da Bamidelê no estado da Paraíba. Além do *Seminário Luta antirracista e antissexista na Paraíba – realizações, avanços e perspectivas*, realizado em julho de 2011 como parte das comemorações do “25 de Julho - Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha” e dos 10 anos de existência da organização (Relatório BAMIDELÊ – OMN/PB, 2011-2012, p.4).

Nos anos de 2012 e 2013, os eventos foram realizados em parceria com NEABs (UFPB e UEPB) e em vários locais no município de João Pessoa e Alagoa Grande, na Paraíba, sobre os quais desenvolveremos estudos no futuro.

CONCLUSÃO

Portanto, analisando as ações articuladas pela Bamidelê – OMN/PB, percebemos que se constituem como importantes momentos de atuação política da organização, no estado. Pois, por meio destas ações conseguem levar a discussão de suas demandas a vários espaços da sociedade paraibana, as instâncias governamentais, a Academia, além de outros movimentos sociais.

Ademais, esses atos políticos do movimento também estão articulados aos âmbitos nacional e internacional. Nesse sentido, desde 2012/13, foi colocada em pauta a realização da *Marcha de Mulheres Negras Brasileiras*, com o intuito de fortalecer as organizações de mulheres negras da América Latina na construção de estratégias para o enfrentamento do racismo e do sexismo. Assim, o evento está programado para o dia 13 de maio do referido ano, data que comemora o *Dia Nacional de Denúncia do Racismo* e os 320 anos do assassinato de Zumbi dos Palmares.



Nessa perspectiva, as mulheres negras, como agentes históricos importantes na construção do país, continuam a atuar reescrevendo suas histórias e fortalecendo a luta contra as desigualdades raciais, sociais e de gênero, e várias outras formas de discriminação que precisam ser combatidas, visando à ampliação e efetivação da cidadania no Brasil.

REFERÊNCIAS

BAMIDELÊ – Grupo de Mulheres Negras da Paraíba. Projeto Redes de Solidariedade: Saúde reprodutiva, gênero, etnia e cidadania na Paraíba. **Relatório narrativo, abril a dezembro de 2002**. João Pessoa, 2003a, 39 p. Digitado.

BAMIDELÊ – ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NA PARAÍBA. **Relatório Narrativo e Financeiro**. João Pessoa, 2011-2012, 15 p. Digitado.

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. In: RIBEIRO, Matilde (Org.) Dossiê Mulheres Negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v.3, n. 2, 1995, p. 458-463.

CARNEIRO. Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. Gênero (Orgs.). **Democracia e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002, p. 167-193.

CARVALHO, Rayssa A.; ROCHA, Solange P. “Estes passos vêm de longe”: trajetória do Movimento das Mulheres Negras no Brasil Republicano. **Anais do III Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais**. João Pessoa: UFPB, 2011, 11p.

_____; ROCHA, Solange P.. Movimento de Mulheres Negras e a luta pela afirmação dos direitos humanos no Brasil. João Pessoa: **Cadernos Imbondeiro**, v. 2, n. 1, 2012, 10p. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/issue/view/1186/showToc>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____; ROCHA, Solange P. Feminismo Negro no Brasil: ações da Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na Paraíba - na construção e na afirmação de identidade negra. In: Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17., 2012, João Pessoa. **Anais do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero**. João

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em:
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/65/206>>.
Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.

_____; ROCHA, Solange P. "MOREN@, NÃO. EU SOU NEGR@!":
AÇÕES POLÍTICAS DE MULHERES NEGRAS NA PARAÍBA CONTEMPORÂNEA
NA AFIRMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA (2001-2012). **Anais
do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social.**
Natal: UFRN, 2013, 15 p. Disponível em:
[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1395345441_ARQUIVO_Rayssa
Andrade.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1395345441_ARQUIVO_Rayssa_Andrade.pdf). Acesso em 21 out. 2014.

CARVALHO, Rayssa Andrade. **O MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS NA
PARAÍBA: Um olhar sobre a Bamidelê – Organização de Mulheres Negras na
Paraíba (2001-2012).** 2013. 87 p. Monografia (Licenciatura em História). Centro de
Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba.

DOMINGUES, Petrônio. Entre Dandaras e Luizas Mahins: mulheres negras e anti-
racismo no Brasil. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. **Movimento
Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no
Brasil.** Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 17-48.

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Fundação
Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila
M.(Org.) **A Prática Feminista e o Conceito de Gênero.** Campinas:
IFCH/UNICAMP, 2002, p. 7-42.

ROCHA, Elaine. A captura de novos sentidos na História – Gênero e Etnia.
Diálogos, DHI/UEM, vol. 4, n. 4, 2000, p. 145-160.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e
perspectivas. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; HUNTLEY, Lynn (Orgs.). **Tirando
a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.
237-256.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero
em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo:
EDUC, 1997.

VIANA, Elizabeth do E. S. Lélia Gonzalez: Fragmentos. In: GOMES, Flávio;
PETRÔNIO, Domingues (Orgs). **Experiências da emancipação: biografias,
instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980).** São Paulo: Selo
Negro, 2011, p. 267-286.